

Lixo é espelho das sociedades humanas

Poucos temas são tão importantes e ao mesmo tempo tão desprezados como o papel do lixo nas coletividades humanas. Lixo é o resíduo indesejável, a imundície, a sujeira, por extensão, “tudo o que não presta e se joga fora”, como diz o dicionário *Aurélio*. E justamente por isso o lixo é um perfeito espelho da sociedade. Se extraterrestres quiserem estudar os habitantes desse terceiro planeta que gira em torno do Sol, bastaria prestar atenção naquilo que os nativos produzem e jogam fora.

A afirmação pode parecer um exagero, mas basta olhar para uma disciplina para perceber o quanto ela depende do “lixo”: a arqueologia.

Deixando de lado casos excepcionais, como Pompéia e Herculano, soterradas pela lava e cinzas da erupção do Vesúvio, os achados arqueológicos em grande parte são constituídos dos rejeitos das culturas do passado. Durante muito tempo a imagem popular da arqueologia era a de busca de tesouros perdidos, algo que a série de filmes com o personagem Indiana Jones reforçou. Essa imagem até fazia sentido no caso de um pioneiro, o alemão Heinrich Schliemann, que escavou Tróia a partir de 1870. Schliemann achou uma rica coleção de objetos de arte, incluindo muitos de ouro, que batizou, erradamente, de “tesouro de Príamo”.

Mas nem só de templos e palácios vive o arqueólogo. Muito mais que dos metais preciosos, a arqueologia dependeu de objetos

humildes, como os feitos de cerâmica, para reconstituir a vida no passado. Mesmo fragmentos de antigos vasos e potes são valiosos. E hoje restos de alimentos são material utilíssimo para reconstituir o cotidiano das populações antigas.

Um excelente exemplo é dado pelo casal de historiadores israelenses Trude e Moshe Dothan, que tem feito escavações na Palestina há cerca de meio século, em busca das cidades dos filisteus. Em Ashdod, uma das mais importantes descobertas, e uma das que mais excitou os arqueólogos, foi justa-

mente o depósito de lixo da cidade. Ali foram achados, por exemplo, os primeiros indícios dos primitivos rituais religiosos dos filisteus, na forma de estatuetas e vasos para libações.

Eles escavaram a parte alta da cidade, a acrópole, onde ficavam os edifícios mais importantes, como palácios, cidadelas de defesa e oficinas industriais. Também pesquisaram a cidade baixa, onde ficavam as áreas residenciais mais pobres.

Descrevendo o achado na chamada “área C” do

Em Ashdod,
uma das mais
importantes
descobertas, e
uma das que mais
excitou os
arqueólogos,
foi justamente
o depósito de lixo
da cidade.

sítio arqueológico no livro *People of the Sea – The Search for the Philistines*, o casal de arqueólogos afirma que “a cidade baixa muitas vezes dava achados menos espetaculares que a acrópole, mas eles proviam informação sobre crescimento populacional, padrão de vida dos habitantes e o seu nível de tecnologia. Como nós logo descobrimos, a área C estava fora mesmo

da cidade baixa, mas, para nossa grande fortuna, ela era solidamente conectada a Ashdod de um modo que apenas arqueólogos podem apreciar. A área C continha o depósito de lixo municipal da antiga cidade!”.

O entusiasmo dos dois pesquisadores pode ser transportado para o presente. Um estudo do Banco Mundial sobre a geração de lixo sólido nos países em desenvolvimento indica um contraste revelador entre a parte pobre e a parte rica do mundo. Os dados são de 1982, mas mostram algo que permanece atual. Nesse ano, cada habitante de Nova York produzia em média 1,8 kg de lixo por dia. Já os moradores de cidades em países de renda bem mais baixa que o industrializado EUA produziam bem menos lixo per capita: 0,6 kg de lixo por dia em Jacarta, na Indonésia; 0,51 em Calcutá, Índia; ou 0,46 em Kano, Nigéria.

Ainda mais interessante é a diferença no conteúdo do lixo produzido por cidades ricas e cidades pobres. Em termos de peso, o papel corresponde a 37% do lixo gerado em Londres, 43% daquele de Cingapura, e 32% do que é coletado em Hong Kong. Já em Lahore, no Paquistão, o papel é apenas 4% do peso do lixo. Em Jacarta é 2%, em Calcutá, 3%.

Os plásticos chegam a 10% do peso do lixo de Brooklyn, Estados Unidos, mas mal chegam a 1% em Calcutá. Os metais correspondem a 13% em Brooklyn, e são apenas 1% em Calcutá.

O resultado se reflete na percentagem de lixo que pode ser compostável, isto é, transformável em adubo: 96% em Karachi, Paquistão; 85% em Jacarta; 78% em Calcutá, mas apenas 38% em Londres e 26% em Brooklyn.

Ironicamente, os países pobres são os que menos condições têm de aproveitar esse rico lixo orgânico, pois usinas de compostagem custam caro. Nos países desenvolvidos a reciclagem de vidro, metal, plástico e papel se instituiu devido ao aumento da consciência ambiental da população e dos políticos, sem falar que, no caso do Japão, trata-se de uma necessidade prática, pois o país importa a maioria das matérias-primas que consome, além de não ter tanto espaço para criar depósitos. Já nos países pobres a reciclagem se tornou um meio de vida para a população carente. Estima-se que na Índia de uma a três pessoas em cada mil cuidam da coleta e reciclagem de lixo. O Brasil hoje é o campeão mundial de reciclagem de latas de alumínio, material mais rentável entre o que é achado no lixo. “De cada 100 latas produzidas no país, 65 são recicladas, enquanto nos EUA, a média é de 63. É a primeira vez que o Brasil aparece como líder mundial no ranking da reciclagem” (*Folha de São Paulo*, 26/4/99, p. 3-7).

Aquilo que se revela em escala mundial também aparece quando se examina o lixo produzido por diferentes classes sociais em uma mesma cidade. O Rio de Janeiro dá um excelente exemplo, segundo pesquisas que têm sido feitas ao longo dos anos pela empresa de limpeza municipal, a Comlurb.

Uma reportagem publicada no *Jornal do Brasil* (18/7/99, p. 5) resume a situação: “enquanto o lixo das camadas mais pobres é recheado de matéria orgânica, entre restos de comida e cascas de alimentos, no lixo das classes médias e alta reluz o vidro”.

A pesquisa foi feita entre os 37 bairros que mais produzem lixo no Rio. O vidro era em média 3,48% do lixo. Mas em bairros de maior poder aquisitivo o percentual era maior

– 6,85% na Barra da Tijuca, e mais de 7% na Gávea e no Leblon. Já em bairros mais pobres havia menos vidro jogado fora, como em Campo Grande, onde o vidro era apenas 1,5%, ou 1,85% em Piedade. Na famosa favela da Rocinha, o vidro representava 2,27% do lixo, segundo a Comlurb. Gávea e Leblon têm no papel e no papelão 26,43% de seu lixo, enquanto que na Rocinha o índice cai para 11,6%.

Esses números dão idéia do problema ambiental que é o lixo. “O papel é o material reciclável em maior quantidade no lixo. Para se fazer uma tonelada de papel, são cortados cerca de 15 eucaliptos adultos, que demoram oito anos para crescer. Se todo papel que é jogado fora, apenas na cidade de São Paulo, fosse reciclado, poderia ser evitado o corte de cerca de 24 mil árvores por dia”, escreveu a jornalista Lúcia Camargo na revista *Novaciência*.

A composição do lixo espelha não só os hábitos de consumo e a riqueza das populações. Também serve de termômetro da consciência política de um país, não só em relação ao meio ambiente, mas também sobre

a sociedade como um todo.

De modo geral, as cidades brasileiras pouco se preocupam com a reciclagem. Raros são os bons exemplos, como Curitiba. Apenas 1% dos municípios brasileiros têm programas contínuos de reciclagem. São Paulo, a maior metrópole e a maior produtora de lixo, quase nada faz.

O Brasil oferece ao mundo espetáculos ainda mais deprimentes quando se trata de lixo. Nos depósitos a céu aberto, “lixões”, famílias carentes disputam restos de comida com urubus e ratos. Um exemplo foi dado em recente reportagem da *Folha de S. Paulo*. Cerca de 850 famílias de uma favela disputavam os alimentos com validade vencida jogados quatro vezes por semana por um supermercado em um “lixão” em São Vicente (São Paulo). “Não tenho ajuda de ninguém. Só de Deus e do ‘Lixão’”, declarou ao jornal paulistano Djanira Alves, 54, que criou dois filhos com comida retirada do local, e com dinheiro da venda dos materiais recicláveis.

Não resta muita dúvida. O lixo é um fiel espelho das sociedades humanas.

Ricardo Bonalume Neto é jornalista especializado em ciência e tecnologia, meio ambiente e história militar. Escreve sobre ciência na *Folha de S. Paulo* desde 1985. É correspondente no Brasil da seção de notícias da revista científica britânica *Nature*.